

**Pesquisar-participar na sala de aula: experimentações de inserção da
acessibilidade comunicativa na formação de jornalistas¹**

Samara WOBETO

Viviane BORELLI

(Universidade Federal de Santa Maria/UFSM)

O jornalismo, campo social e de conhecimento que historicamente se coloca como defensor da democracia e promotor de cidadania, em suas configurações atuais de produção e distribuição de notícias, reportagens, textos de opinião e demais formatos, exclui do acesso à informação uma parcela grande da população brasileira: as pessoas com deficiência. Apesar de ter papel fundamental na denúncia de esquemas de corrupção como a compra superfaturada de vacinas na pandemia e a venda de joias por parte do governo de Bolsonaro, há que se apontar as contradições de um jornalismo que se diz plural ao mesmo tempo em que não inclui - e comunica para - determinados públicos em seus quadros profissionais.

É recente o movimento de inserção de pessoas negras na imprensa brasileira, por exemplo. O perfil do jornalista brasileiro, estudo realizado em 2021 pela Rede de Estudos de Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJOR), que é vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), quase 68% dos jornalistas brasileiros são brancos. Pessoas com deficiência não são nem citadas neste estudo, apesar de comporem 8,9% da população, ou seja, 18,6 milhões de pessoas (IBGE, 2022). Além disso, os produtos jornalísticos não são criados para este público, e as narrativas jornalísticas inacessíveis prevalecem como resultado em pesquisas pelo menos desde 2015 (Bonito, 2015; Segatto, 2015; Beraldo, 2021; Wobeto, 2023). As iniciativas de inserção de acessibilidade nos processos e produtos jornalísticos são exceção, geralmente vinculadas à atuação de jornalistas que são interessados na temática e/ou militam pela causa (Wobeto, 2023). Outro aspecto que prevalece na problemática é do ponto de vista das representações destes públicos na mídia, e que evocam, por meio dos estigmas de superação/heroísmo e do trágico, o reforço de discursos capacitistas e preconceituosos (Freitas, 2021; Gomes e Moutinho, 2021).

¹ Resumo expandido de Comunicação Científica apresentado no GP Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, no VII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejour Sul).

O problema, identificado no mercado de trabalho e que produz exclusões informacionais, tem uma origem, que está na própria formação dos jornalistas: a ausência de inserção de saberes acessíveis na sala de aula. Em suas pesquisas, Bonito (2015) e Beraldo (2021) identificam a necessidade de que as tecnologias assistivas e a apreensão de como produzir narrativas acessíveis sejam incluídas nos cursos de graduação de Comunicação - e do Jornalismo - a partir da perspectiva do desenho universal (Bonito, 2015). Beraldo (2021, p. 23) questiona: “Se temos, de um lado, diretrizes para produção de notícias acessíveis e legislação que determina que isso seja feito e, de outro, pessoas que não conseguem acessar essas informações de forma plena, o que fazer para que o jornalista possa elaborar narrativas que funcionem como pontes?”

A partir destes questionamentos e inquietações, também percebidas na vivência da pesquisadora enquanto estudante do curso de Jornalismo, surge a necessidade de pesquisar de forma mais aprofundada as relações entre o ensino de jornalismo e a acessibilidade comunicativa. Este anseio se materializa por meio de uma dissertação, em fase de conclusão, que busca problematizar a inserção da acessibilidade comunicativa na formação de jornalistas por meio da criação de proposições teóricas, práticas e críticas.

Em um primeiro momento, foi realizada uma análise documental (Moreira, 2009) que buscou identificar iniciativas de inserção da acessibilidade comunicativa em disciplinas de cursos de Jornalismo em universidades federais brasileiras. Das 23 universidades federais mapeadas das quais foi possível acessar, de modo público, documentos como projetos pedagógicos, ementários e diretrizes curriculares, apenas em oito foram identificadas iniciativas do tipo. São elas: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Paraíba (UFPA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Santa Maria - Frederico Westphalen (UFSM-FW) e Universidade de Brasília (UnB).

Com isto, parte-se para a entrada em campo para a coleta de dados. Na Universidade Federal de Santa Maria, campus central (UFSM), o curso de Jornalismo

também tem inserção de práticas pedagógicas de acessibilidade na disciplina de Jornalismo Impresso II desde 2017. No entanto, como o currículo é de 2015, estas não estão registradas na ementa da disciplina. A mesma tem como objetivo o aprendizado de reportagens e a experimentação do processo de produção jornalística por meio de uma revista-laboratório (Barbosa, 2021). Em 2017, com a criação do projeto de pesquisa ‘Desenvolvimento de revistas digitais acessíveis no curso de Jornalismo’, o processo produtivo ganha novo elemento, que é a acessibilidade, principalmente por meio da audiodescrição. “O projeto foi desenvolvido a partir da constatação de que no curso de Jornalismo não havia iniciativas para transformar seus produtos jornalísticos em materiais acessíveis” (Borelli et al, 2021, p. 3).

Portanto, esta pesquisa se insere como experimentação a partir da docência orientada, com a reformulação do plano de ensino para ampliar as práticas já existentes, de descrição de imagens e autodescrição, para incluir novas práticas, como a legendagem, a preocupação cromática e a inserção da acessibilidade comunicativa desde o início do processo produtivo (Wobeto, 2023). Esta inserção se dá por meio da metodologia da pesquisa participante (Gajardo, 1999; Fals Borda, 1994; Brandão, 1994, 1999; Peruzzo, 2010; Martino, 2018) em conjunto com as técnicas de observação (Gil, 2008) e do diário de campo (Winkin, 1998) para a coleta e registro dos dados, respectivamente.

Além disso, no contexto da pesquisa, também foi criada uma disciplina optativa (DCG) nomeada ‘Comunicação e Acessibilidade’ para tratar da discussão crítica e teórica, técnica e prática da construção de narrativas acessíveis. Além do curso de Jornalismo, também houve possibilidade de oferta para os cursos de Produção Editorial, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.² A disciplina optativa teve 27 estudantes matriculados e dos quatro cursos.

Na disciplina obrigatória de Jornalismo Impresso II, com relação às aulas, o plano de ensino da disciplina de 2024 prevê o seguinte, em relação à acessibilidade:

- a) uma aula sobre audiodescrição e descrição de imagens - teórica e prática
- b) uma aula sobre acessibilidade no processo de produção jornalística - teórica com atividade prática

² O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em abril de 2024.

- c) exercício de descrição de imagens e identificação de descrição de imagens em reportagens ou notícias
- d) exercício de identificação de representações midiáticas capacitistas, de identificação de práticas de acessibilidade ou inacessibilidade em cores e legendas, planejamento da acessibilidade das reportagens produzidas pelos estudantes
- e) descrição das imagens de cada reportagem
- f) no caso de uso de vídeos ou áudios usados nas reportagens, inserção de legendas e descrições de imagens dinâmicas
- g) teste de contraste na paleta de cores usada para diagramação e possibilidade de aplicação em gráficos e infográficos
- h) descrição de imagens como segunda função, em que duas estudantes são responsáveis por fazer a primeira revisão das descrições de cada grupo
- i) inserção de descrição de imagens nas redes sociais, por parte dos estudantes responsáveis pela divulgação das reportagens produzidas

Todos estes elementos (aulas, acompanhamento da prática jornalística feita de maneira acessível e os exercícios propostos) foram de responsabilidade da pesquisadora com supervisão da orientadora. O remodelamento do plano de ensino para a inclusão da acessibilidade comunicativa foi pensado em conjunto com os outros processos de produção (pauta, planejamento, entrevista, redação, edição, revisão, diagramação, redes sociais) e baseado em pesquisa anterior, de monografia, que define as tecnologias assistivas que podem ser aplicadas em cada etapa do processo de produção jornalística (Wobeto, 2023).

Já na disciplina optativa, como ela não é exclusiva para o curso de Jornalismo³, ela foi elaborada a partir de aspectos gerais da comunicação mas que podem ser incorporadas em cada uma das áreas do conhecimento. Os objetivos da disciplina são: a) refletir sobre a acessibilidade comunicativa a partir de saberes teóricos, críticos e práticos; b) abordar os principais conceitos que se referem à acessibilidade comunicativa; c) analisar produtos comunicacionais do ponto de vista da acessibilidade;

³ Compreendemos a importância de que o Jornalismo não seja pensado de modo isolado a outras áreas da Comunicação, principalmente por compreender que as mudanças contextuais e sociais do campo exigem uma formação multidisciplinar, além do fato de que muitos profissionais formados jornalistas trabalham com marketing, agências de publicidade, assessoria de imprensa, entre outras funções.

e d) estimular a experimentação e a aplicação de tecnologias assistivas em produtos comunicacionais.

Com carga horária de 30h focada na acessibilidade comunicativa, são 15 aulas de duas horas cada distribuídas da seguinte forma:

- 1 - Apresentação da disciplina
- 2 - Conceitos básicos de acessibilidade. Tipos de acessibilidade. Tipos de barreiras. Tecnologias assistivas. Desenho Universal. Capacitismo.
- 3 - Legislações invisíveis: acessibilidade como uma questão de Direitos Humanos. Cidadania e democracia a partir de uma comunicação acessível.
- 4 - Maneiras de inserção da acessibilidade na Comunicação. Lacunas e ausências de acessibilidade em produtos de comunicação.
- 5 - Representações midiáticas capacitistas e o campo da Comunicação inacessível.
- 6 - Apresentação de trabalhos: análise de representações midiáticas sobre acessibilidade e/ou pessoas com deficiência.
- 7 - Como fazer uma Comunicação acessível? Tecnologias assistivas para a comunicação e suas aplicabilidades. Boas práticas de acessibilidade comunicativa.
- 8 - Acessibilidade visual. Conceitos. Audiodescrição. Descrição de imagem. Braille. Boas práticas de acessibilidade comunicativa.
- 9 - Acessibilidade visual. Práticas de autodescrição e descrição de imagens; Boas práticas de acessibilidade comunicativa.
- 10 - Acessibilidade sonora. Principais conceitos. Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE). Libras e Janela de Libras. Legenda Comum. Exercícios de prática e edição de legendas. Boas práticas de acessibilidade comunicativa.
- 11 - Acessibilidade cromática. Principais conceitos e aplicabilidade. Contraste. Boas práticas de acessibilidade comunicativa.
- 12 - Acessibilidade cromática. Aula prática. Exercícios de resolução de problemas de acessibilidade, construção de paletas de cores acessíveis e contraste.
- 13 - Apresentação das análises técnicas de produtos comunicacionais.
- 14 e 15 - Apresentação de trabalho final: criação de produto comunicacional acessível.

Com este panorama dos conhecimentos acerca da acessibilidade comunicativa que foram inseridos nos planos de ensino de duas disciplinas - uma específica e

obrigatória, outra geral e optativa - pode-se elencar algumas observações prévias interessantes. Em primeiro lugar está a importância da inserção da problemática da acessibilidade comunicativa desde a formação de profissionais jornalistas - e da comunicação. Isto porque, como elencado nas pesquisas citadas, por um lado temos, majoritariamente, veículos midiáticos que produzem exclusões informacionais por meio de produtos jornalísticos inacessíveis. Por outro lado, ainda são poucas as iniciativas que abordam esses conhecimentos no nível da graduação. São, portanto, lacunas que geram ciclos viciosos que se retroalimentam e não permitem a criação de uma cultura profissional que inclua, em suas rotinas produtivas, os saberes técnicos e críticos acerca da acessibilidade.

Além disso, a experiência da docência orientada como espaço de pesquisa foi interessante não somente no sentido de experienciar o espaço do ensino, mas em consonância com atividades práticas - que trazem o aspecto empírico da pesquisa, e com a própria atividade de pesquisa. Também é interessante como espaço de observação porque a disciplina de Jornalismo Impresso II, por exemplo, foi um dos primeiros espaços em que tive contato com práticas de acessibilidade, o que influenciou não somente na escolha da temática para a pesquisa como também na inquietação daquele ser um dos únicos espaços, na graduação, em que essa discussão era percebida e valorizada.

Por conta de espaço para a escrita do resumo, não é possível apresentar a análise já feita de maneira detalhada. No entanto, de modo geral, o retorno dos e das estudantes quanto às aulas, atividades teóricas e práticas e a aceitação da temática foi bastante positiva. Para muitos deles, as experiências provocadas pela pesquisa foram os primeiros contatos com a temática e as tecnologias assistivas da acessibilidade. Alguns estudantes relataram, inclusive, que a partir das aulas começaram a aplicar os ensinamentos para fora da sala de aula, em projetos, bolsas e estágios, por exemplo. Essa é uma pequena amostra de como a mudança cultural é possível e passa pela sala de aula como espaço formativo, em que a acessibilidade comunicativa deve ser ensinada e inserida em todo um processo de produção jornalística, e não apenas na ponta final, quando sobra tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Karina Gomes. **Revista-laboratório**. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges (Orgs.). Tópicos em jornalismo - Redação e reportagem. Editora Insular: Florianópolis, 2021, p. 205 - 214.
- BERALDO, Carla Tonetto. **“Quem cabe no seu todos?”** Jornalismo e Deficiência Visual: um estudo sobre a acessibilidade e usabilidade em notícias em redes digitais. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021
- BONITO, Marco. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível**: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com deficiência visual no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
- BORELLI, Viviane; ROMERO, Luan Moraes; FURLANETTO, Pablo; BALD, Rafael Marcelino. **Comunicação inclusiva**: desenvolvendo acessibilidade na rotina de produção de uma revista de laboratório. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”, 2021, 15(1), 1-13.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.10125>. Acesso em: 25/06/2024.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006 [1994], 8ª edição, 211 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, 252 p.
- ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)**: Pessoas com Deficiência 2022. Brasil, 2023.
- FALS BORDA, Orlando. **Aspectos teóricos da pesquisa participante**: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006 [1994], 8ª edição, p. 42 - 62.
- FREITAS, Thais Araújo de. **Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias do portal G1**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante**: Propostas e Projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p. 15 - 50.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008, 220 p.
- GOMES, Selma Regina; MOUTINHO, Maria Cecília Bello. **Identidades mediatizadas: o enquadramento da deficiência e de atletas paralímpicos em narrativas globais**. Revista Culturas Midiáticas, João Pessoa, v. 15, pp. 308-326, 2021.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. Projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018, 318 p.

**VII ENCONTRO REGIONAL SUL
DE ENSINO DE JORNALISMO
EREJOR SUL**

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica.** In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2010. P. 269 - 279.

PERUZZO, Cecília Maria Krholing. **Observação participante e a pesquisa-ação.** In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2010. P. 125 - 145.

RETIJ. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021.** Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)/ Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ), 2021, 217 p.

SEGATTO, Karine Arminda de Fátima. **Acessibilidade e Multimídia no Webjornalismo da América do Sul.** Dissertação (Mestrado em Processos Jornalísticos) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação.** Da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1998, 216 p.

WOBETO, Samara. **A construção de indicadores de qualidade para a acessibilidade comunicacional em veículos jornalísticos.** Monografia. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2023, 163 p.